

FIDELIDADE COMUNIDADE



5.^a EDIÇÃO DO
PRÉMIO FIDELIDADE
COMUNIDADE

ENTREVISTA
JORGE MAGALHÃES
CORREIA

ABC
DO VOLUNTARIADO
EM PORTUGAL

ROGÉRIO CAMPOS HENRIQUES

CEO da Fidelidade



O Prémio Fidelidade Comunidade materializa o nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável da sociedade, através do fortalecimento do setor social. Nesta 5.ª edição, continuamos a construir uma comunidade que não para de crescer: a Comunidade Fidelidade.

Mais do que um prémio, estamos comprometidos em estar presentes no dia a dia destas organizações e potenciarmos aquilo que são as suas valências, contando com a ajuda de todas as pessoas e empresas do Grupo Fidelidade, dos nossos fornecedores, clientes e parceiros de negócio.

Conhecidos os vencedores desta 5.ª edição do Prémio Fidelidade Comunidade, iniciamos uma nova etapa em que a Fidelidade e as organizações sociais vão continuar juntas, de uma forma próxima e humana, para fazer a diferença na vida das pessoas e ter um impacto positivo na sociedade. ▶

Sumário



- 03.** Editorial
- 06.** 5.^a edição do Prémio Fidelidade Comunidade
- 08.** Júri
- 09.** Premiados
- 14.** Entrevista Jorge Magalhães Coreia
- 16.** Retrato do setor social em Portugal
- 21.** Fidelidade no terreno
- 24.** ABC do voluntariado em Portugal
- 28.** Balanço do Prémio Fidelidade Comunidade
- 30.** Opinião

14





16



24



21

FICHA TÉCNICA:

Propriedade: Fidelidade – Companhia de Seguros, S.A. **Coordenação:** Gabinete de Responsabilidade Social do Grupo Fidelidade.

Edição, coordenação editorial e textos: C•Studio - Medialivre. **Revisão:** Joana Ambulate. **Design e paginação:** Direção Criativa - Medialivre Boost Solutions. **Impressão:** Sprint. **Depósito legal** n.º 530335/24. **Tiragem:** 20.000 exemplares.

5.^a edição do Prémio Fidelidade Comunidade

Apoiar quem muito faz por aqueles que mais precisam

Em 2023, a Fidelidade recebeu 304 candidaturas.

O Prémio Fidelidade Comunidade promove o fortalecimento do setor social e apoia respostas às necessidades de inclusão social, apoio no envelhecimento, e prevenção em saúde. Na sua 5.^a edição, esta iniciativa do Grupo Fidelidade recebeu 304 candidaturas, 41% das quais na área do envelhecimento (121 candidaturas); 34% na área da inclusão social (101 candidaturas) e 25% no setor da prevenção em saúde (82 candidaturas).

O processo de candidatura decorreu entre 3 e 31 de outubro. Seguiu-se um período de avaliação e seleção que se estendeu até fevereiro de 2024 e que implicou um escrutínio de proximidade, com visitas e interações com as entidades candidatas.

A Fidelidade lançou o Prémio Fidelidade Comunidade em 2017 com o objetivo de apoiar o setor social, viabilizando os projetos e fortalecendo a estrutura das instituições que atuam no âmbito da inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade, envelhecimento e prevenção em saúde. Estas são áreas que correspondem à essência da atividade seguradora, que visa proteger as pessoas, o património e a atividade económica.

O Prémio Fidelidade Comunidade distribui apoios no valor de 750 mil euros a cada dois anos. Ao integrar a Comunidade Fidelidade, as instituições sociais premiadas passam a ser acompanhadas e apoiadas, em continuidade, em diálogo com as equipas da Fidelidade. Esses apoios podem passar por ações de formação, doações de salvados, ou iniciativas de voluntariado, para dar alguns exemplos. Assim, a Comunidade Fidelidade assume-se como um compromisso permanente da empresa com o fortalecimento do sector social, investindo, apoiando e capacitando as organizações da economia social de forma continuada.

AS CANDIDATURAS E O PROCESSO

Em cada edição podem candidatar-se ao Prémio Fidelidade Comunidade pessoas coletivas de direito privado sem fins lucrativos (com exceção das fundações-empresa), desde que atuem dentro das áreas da inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade, da prevenção em saúde, ou do envelhecimento.

JÚRI E COMUNIDADE

De forma a garantir a qualidade dos projetos que são distinguidos a cada edição, a Fidelidade conta para o júri deste prémio com personalidades que conhecem bem a realidade do setor social em Portugal, embora a partir de diferentes visões e experiências. Este ano, o júri presidido por Jorge Magalhães Correia, presidente do conselho de administração da Fidelidade, integra Maria de Belém Roseira, ex-ministra da Saúde e ex-ministra para a Igualdade; A jurista Madalena Santos Ferreira; A reitora da Universidade Católica, Isabel Capelo Gil; Filipe Almeida, presidente da Estrutura de Missão Portugal Inovação Social; e Sandro Resende, artista plástico e empreendedor social, fundador da P28 e Manicómio.

O júri decide a atribuição do prémio, sempre com uma preocupação particular em garantir a sustentabilidade e a capacitação destas iniciativas e em criar uma comunidade de entreadjuda entre a Fidelidade e as entidades empenhadas em melhorar a situação social do país. ▶

Para mais informações visite
premio.fidelidadecomunidade.pt.



304
candidaturas
recebidas

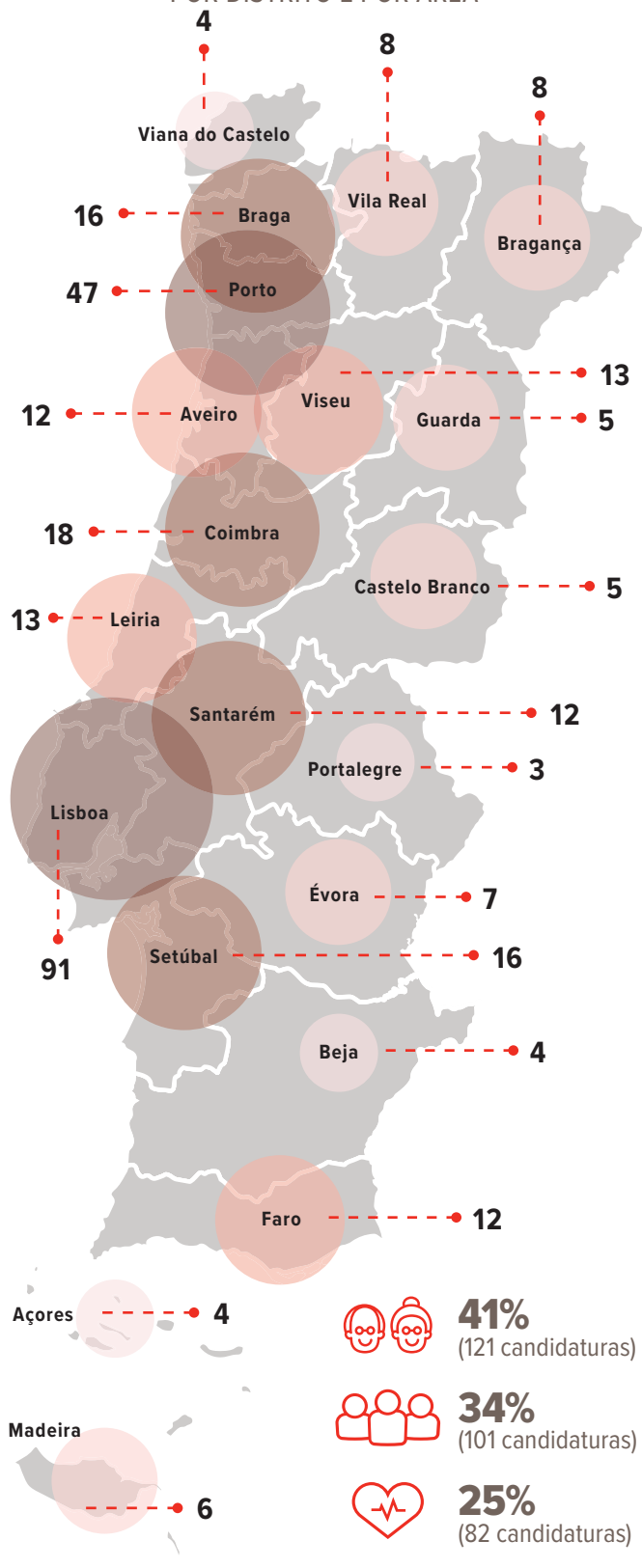


9
projetos
vencedores



750.000€
de prémio

CANDIDATURAS POR DISTRITO E POR ÁREA



TERESA RAMALHO
Manager de Responsabilidade Social da Fidelidade

“A responsabilidade social é parte do nosso ADN”

Em 2017 criámos o Prémio Fidelidade Comunidade. Mais do que estruturar a nossa atuação de responsabilidade social de resposta às problemáticas da sociedade relacionadas com a inclusão de pessoas com deficiência ou incapacidade, o envelhecimento e a prevenção em saúde, distinguiu-se desde logo por uma aposta clara em ser mais do que uma entrega de verbas para o desenvolvimento de projetos sociais, e também a construção de uma relação de proximidade e apoio mútuo.

O Programa de Responsabilidade Social é parte do nosso ADN e corporiza o modo como vemos o mundo. Acreditamos que devemos atuar de forma próxima e humana no ambiente em que operamos, contribuindo para a sustentabilidade social através de relações que geram um impacto positivo na sociedade.

Desde a primeira edição que procuramos sempre acompanhar as organizações sociais na implementação dos projetos vencedores deste prémio, um fator que materializa a nossa forma de estar. Acredito que é através deste acompanhamento humano e próximo, que tentamos sempre imprimir à nossa resposta, que também aprendemos bastante sobre os desafios do setor social e a forma como as empresas podem ser um verdadeiro parceiro de quem, no dia a dia, faz verdadeiramente a diferença no terreno.

Este não é, por esta razão, um momento de despedida. Encontramos em cada entrega de prémio, em cada vencedor, o reforço do nosso compromisso para com a comunidade de organizações sociais que apoiamos. São novos projetos que nos comprometemos a acompanhar e a garantir o seu sucesso. Temos uma comunidade que não pára de crescer e com a qual queremos celebrar as pequenas e grandes conquistas do dia a dia. ▶

PRÉMIO FIDELIDADE
COMUNIDADE

Para que a vida não pare

As personalidades convidadas para participar no júri do Prémio Fidelidade Comunidade refletem diferentes visões e experiências e têm um grande conhecimento da realidade social portuguesa e sensibilidade para os assuntos relacionados com a sustentabilidade e a responsabilidade social das empresas.



JORGE MAGALHÃES CORREIA

Presidente do conselho de administração da Fidelidade.



MARIA DE BELÉM ROSEIRA

Jurista. Ministra da Saúde entre 1995 e 1999 e ministra para a Igualdade entre 1999 e 2000. Exerceu várias funções parlamentares e tem uma vasta experiência de colaboração com instituições de solidariedade social.



MADALENA SANTOS FERREIRA

Jurista. Vasta experiência na área mutualista e em iniciativas e associações de proteção de consumidores a nível nacional e europeu.



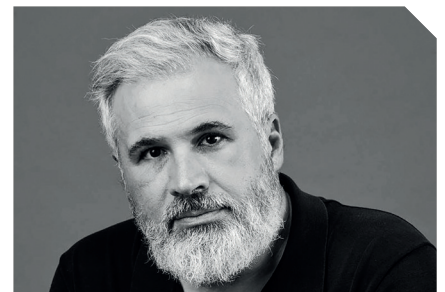
ISABEL CAPELOA GIL

Reitora da Universidade Católica Portuguesa. Docente na Faculdade de Ciências Humanas da mesma universidade. Parte do conselho editorial de várias revistas internacionais.



FILIPE ALMEIDA

Presidente da Estrutura de Missão Portugal Inovação Social. Docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES/FEUC) e do Centro de Estudos Cooperativos e da Economia Social (CECES/FEUC).



SANDRO RESENDE

Artista plástico. Empreendedor social. Direitos humanos. Fundador da P28 e Manicómio. Arte contemporânea no Hospital Psiquiátrico de Lisboa. Pai de Alice e Sebastião.



Entidades premiadas

PRÉMIO FIDELIDADE COMUNIDADE

Para que a vida não pare

A 5.ª edição do Prémio Fidelidade Comunidade atribuiu 750 mil euros a organizações sociais que atuam nas seguintes áreas de intervenção:



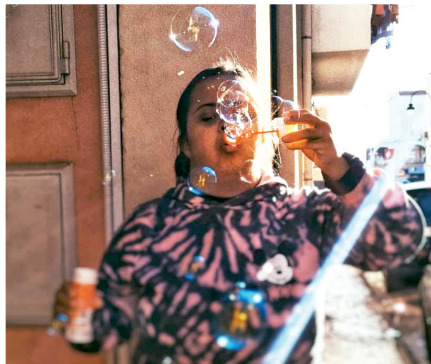
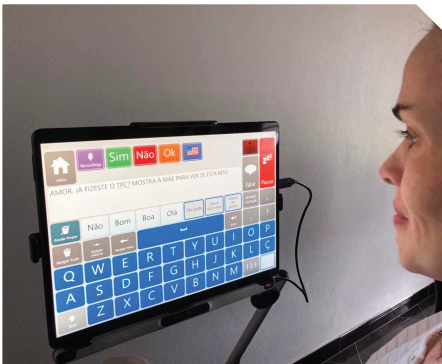
Inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade



Prevenção em saúde



Envelhecimento





ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCLEROSE LATERAL AMIOTRÓFICA

PRÉMIO: 90.900,00€

Projeto: com o apoio da Fidelidade, a associação pretende acompanhar, de forma regular, mais de 300 pessoas que sofrem da doença neurológica degenerativa esclerose lateral amiotrófica. Estes doentes serão apoiados através de parcerias com entidades locais, em todo o país. Neste contexto, a associação irá disponibilizar apoio multivalências, reforçar o auxílio com produtos de alta tecnologia, capacitar os cuidadores, e apoiar os técnicos de saúde locais.

BI: a Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica foi fundada em 1997, e é uma organização não governamental das pessoas com deficiência, sem fins lucrativos, e que tem como principal objetivo promover a divulgação desta patologia, representar os interesses e prestar apoio aos doentes e ao seu núcleo de apoio, visando melhorar a sua dignidade e a sua qualidade de vida.

www.apela.pt



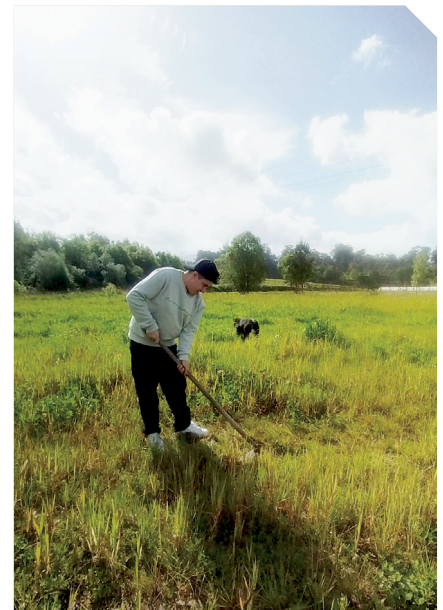
ASSOCIAÇÃO DE APOIO À PESSOA EXCECIONAL DO ALGARVE

PRÉMIO: 71.800,00€

Projeto: o Prémio Fidelidade Comunidade irá permitir a contratação de recursos humanos e consultoria, bem como a divulgação de uma nova rede de apoio e capacitação de cuidadores de pessoas com deficiência ou incapacidade. Esta rede, que será criada pela associação, incluirá grupos de apoio emocional e psicossocial, ações de capacitação, e atividades e momentos lúdicos para pessoas com deficiência.

BI: a APEXA – Associação de Apoio à Pessoa Excecional do Algarve tem como propósito contribuir para a inclusão das pessoas com deficiência. Neste contexto, a associação prioriza o direito à igualdade de oportunidades e a melhoria da qualidade de vida de todos. A APEXA desenvolve respostas de inovação social para construir comunidades mais justas e igualitárias, estando focada na empregabilidade, autonomia, realização terapêutica e no apoio aos cuidadores.

www.apexa.org



ASSOCIAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL DE BRAGA

PRÉMIO: 72.000,00€

Projeto: a Fidelidade irá apoiar a criação de uma horta pedagógica para pessoas com paralisia cerebral e outras doenças neurológicas, bem como o desenvolvimento de atividades terapêuticas e formativas com os 40 beneficiários do lar residencial e utilizadores do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão. O objetivo da associação é, neste contexto, formar 10 jovens adultos para integração no mercado de trabalho, criar trabalhos para cinco beneficiários e envolver 30 utentes nas atividades.

BI: a Associação de Paralisia Cerebral de Braga surgiu em 1986 com o objetivo de prestar um apoio especializado e de qualidade a pessoas portadoras de paralisia cerebral e doenças neurológicas afins. A associação promove o acompanhamento destas pessoas ao nível da reabilitação e inclusão social, com uma grande gama de respostas sociais e terapêuticas.

www.apcb.pt



ASSOCIAÇÃO CUIDADORES

PRÊMIO: 58.100,00€

Projeto: a Associação Cuidadores vai ampliar os seus serviços de apoio a populações vulneráveis de cuidadores informais e de pessoas cuidadas, com o apoio da Fidelidade. Estes serviços procuram reduzir a sua sobrecarga física e psicológica do cuidador, e aumentar a capacitação e a atividade física destas pessoas, promovendo a sua saúde. Além do aumento do número de beneficiários do apoio, pretende-se incluir nos serviços atividade física adaptada direcionada a esta população e também às pessoas cuidadas.

BI: a Associação Cuidadores surgiu no Porto a partir da experiência pessoal dos seus fundadores e quer ser a entidade de referência na promoção da inclusão social dos cuidadores informais. O modelo de intervenção visa o acompanhamento através de informação e aconselhamento, consultas de psicologia, sensibilização e capacitação, grupos de apoio e pausas breves para descanso do cuidador. Promove ainda o voluntariado, envolvendo a comunidade no apoio a quem cuida.

<https://cuidadores.pt/>



CASA DE SAÚDE DA IDANHA

PRÊMIO: 94.400,00€

Projeto: o Instituto Irmãs Hospitaleiras vai construir, com o apoio da Fidelidade, um laboratório da longevidade, o AgeLab, para desenvolver ações de prevenção, reabilitação e investigação, e criar soluções de promoção do envelhecimento ativo, com o envolvimento de 280 seniores e 75 investigadores, estudantes e voluntários. O AgeLab terá dois polos: o AgeingLab, que atuará na prevenção através de rastreios e atividades de promoção da saúde física e mental; e o DemLab, que implementará programas de estimulação global para idosos com demência, assentes em terapias inovadoras.

BI: a Casa de Saúde da Idanha é uma unidade de saúde das Irmãs Hospitaleiras. Esta é uma instituição de referência na prestação de cuidados especializados em psiquiatria e saúde mental, envelhecimento e demências, reabilitação global e lesão cerebral, reabilitação psicossocial, reabilitação física e cuidados paliativos.

<https://irmashospitaleiras.pt/unidade-de-idanha/>



CDI (CENTER OF DIGITAL INCLUSION)

PRÊMIO: 85.400,00€

Projeto: o CDI vai atuar na intervenção e na prevenção dos comportamentos aditivos e dependências associadas aos videojogos junto de crianças e jovens dos 9 aos 25 anos. Isto mediante a realização de sessões informativas e da prevenção, com uma equipa que torna o gaming numa ferramenta de desenvolvimento de competências. Existe igualmente uma vertente de intervenção para jovens já identificados como tendo esta problemática. O apoio da Fidelidade irá permitir o desenvolvimento de conteúdos, parcerias, “embaixadores” e a implementação dos projetos nas escolas.

BI: o CDI Portugal é uma ONG com a missão de inclusão e de inovação social e digital. Em Portugal desde 2013, já impactou mais de 65 mil pessoas através de projetos como Apps for Good; Centros de Cidadania Digital; InGaming (Inclusive Gaming); e Recode.

<https://www.cdi.org.pt/>



PALHAÇOS D'OPITAL

PRÉMIO: 97.500,00€

Projeto: com o apoio da Fidelidade, a Palhaços d'Opital pretende alargar a sua atuação na região de Lisboa, com um novo programa de duas visitas semanais de uma dupla de palhaços ao Hospital de Amadora-Sintra, num total de 132 visitas. A organização estima que irá impactar cerca de 52.800 adultos/idosos em situação de internamento/tratamento. Em média, em cada 100 utentes idosos internados, 10 são internamentos sociais.

BI: fundada em 2013, a Palhaços d'Opital tem como missão contribuir para a humanização hospitalar através da arte do palhaço, da alegria, do humor, e dos afetos. As suas atuações dirigem-se a um público adulto, e em especial aos mais velhos, através de programas de visitas regulares a hospitais públicos, com quem tem protocolos de cooperação. Em 11 anos, já se efetuaram mais de 11 mil visitas com impacto em cerca de 904 mil pessoas.

<https://www.pdo.pt/>



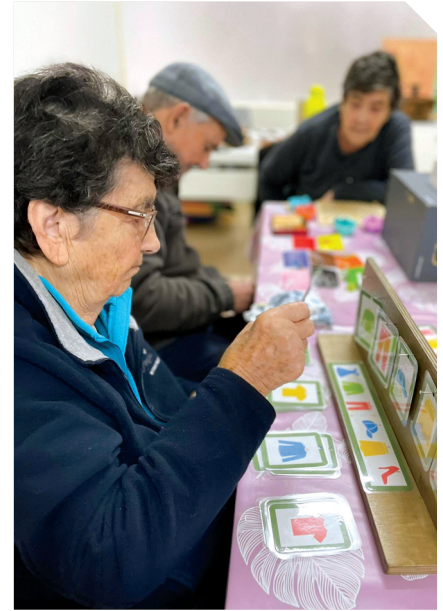
PEDALAR SEM IDADE

PRÉMIO: 78.100,00€

Projeto: o projeto Pedalar Sem Idade – Associação de Apoio à 3.ª Idade vai alargar a sua atuação à cidade de Coimbra, com o apoio da Fidelidade. A associação tem como missão quebrar situações de isolamento social de seniores e de pessoas com mobilidade condicionada, através de passeios em bicicletas adaptadas (*trishaws*), realizados por pilotos voluntários. Com a abertura de uma delegação em Coimbra, a associação espera impactar cerca de 250 idosos.

BI: a Pedalar Sem Idade Portugal é uma associação sem fins lucrativos, constituída em 2018, e que representa em Portugal o movimento internacional Cycling Without Age. Em Portugal, está presente em oito cidades e oferece uma resposta inovadora e sustentável para um problema grave e crescente que é a solidão não desejada e o isolamento social de seniores ou pessoas com mobilidade reduzida.

<https://pedalarsemidadeportugal.pt/>



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA VELHA DE RÓDÃO

PRÉMIO: 91.900,00€

Projeto: a Santa Casa da Misericórdia vai avançar com um projeto para desenvolver uma oferta de gamificação de exercícios de estimulação cognitiva para 100 idosos. Esta iniciativa vai ser apoiada pela Fidelidade e será desenvolvida em espaços da instituição, assim como de organizações parceiras, terminando com a realização de umas olimpíadas.

BI: a Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão foi fundada em 1930. Desenvolve atividades de intervenção social, com enfoque nos grupos sociais mais vulneráveis, desde a infância à velhice. Dispõe de nove respostas sociais para 245 utentes. Com uma visão futurista, desenvolve respostas e serviços no âmbito da economia social, destinados à promoção de competências, contribuindo para a inclusão, autonomia e melhoria da qualidade de vida.

www.scmvrodao.pt

entrevista

JORGE MAGALHÃES CORREIA

Presidente do conselho de administração do Grupo Fidelidade

“A Comunidade Fidelidade não pára de crescer e a diferença que fazemos é cada vez maior”

Fortalecer o setor social e as respostas às necessidades de inclusão social, apoio no envelhecimento e prevenção em saúde são os objetivos do Prémio Fidelidade Comunidade. Já foram investidos 3 milhões de euros em 83 projetos. Esta será a 5.ª edição de um evento de sucesso.



Com um valor global anual de 750 mil euros e periodicidade bienal, o Prémio Fidelidade Comunidade já ajudou dezenas de instituições por todo o país, apoiando e capacitando instituições que atuam na inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade na prevenção em saúde e no envelhecimento. A propósito do lançamento da 5.ª edição desta iniciativa, estivemos à conversa com Jorge Magalhães Correia, presidente do conselho de administração do Grupo Fidelidade.

De que forma é que o Prémio Fidelidade Comunidade se integra no entendimento que a Fidelidade tem da sua responsabilidade social?

Em 2017, decidimos avançar com o Prémio Fidelidade Comunidade para estruturar melhor a nossa resposta, até aí demasiado dispersa, a algumas das problemáticas com que lidamos diariamente na sociedade. Neste contexto, o nosso foco é o apoio a instituições que atuam no âmbito da inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade, da prevenção em saúde e do envelhecimento.

“Fomos positivamente surpreendidos com o trabalho e a resiliência das organizações sociais, bem como pela qualidade das suas respostas e capacidade de inovação.”

Mas, no fundo, o prémio nasce do propósito humanista e da consciência social que estão enraizados na nossa organização. Costumamos dizer que a humanidade é uma porta que se abre por dentro, e todos nós, no Grupo Fidelidade, temos a obrigação de abrir essa porta, de ter um impacto positivo na sociedade em geral, e em especial na vida dos nossos clientes e parceiros.

Neste contexto de resposta aos problemas da sociedade, que importância atribui ao fortalecimento do setor social?

Ao longo destes sete anos do Prémio Fidelidade Comunidade, fomos positivamente surpreendidos com o trabalho e a resiliência das organizações sociais, bem como pela qualidade das suas respostas e pela capacidade de inovação. O setor social contribui muito para a resiliência e a coesão da nossa sociedade. Existem em Portugal cerca de 76 mil organizações sociais, desde as associações às IPSS. São, na sua maioria, estruturas nascidas do voluntariado de pessoas que se organizam com um propósito nobre, enfrentando os problemas das suas comunidades. O nosso entendimento é que as empresas não se podem alhear deste movimento.

Na Fidelidade, esse envolvimento é natural e genuíno, pois o que fazemos diariamente é colocar recursos e experiência ao serviço das pessoas. E, por isso, no Prémio Fidelidade Comunidade procuramos fazer uma abordagem diferente. Não nos limitamos a financiar projetos, acompanhamos com proximidade todo o processo. É um acompanhamento muito próximo e humano, e que cruza, sempre que possível, os projetos que acompanhamos no âmbito da nossa comunidade com ações de voluntariado com os nossos colaboradores. Gosto de acreditar que é este acompanhamento humano, próximo e cuidado que nos distingue enquanto empresa.

Na apresentação do prémio, este ano existe uma ênfase particular nas parcerias, na sustentabilidade dos projetos, e na robustez das entidades. Qual é a motivação para esta abordagem às instituições do setor social?

As parcerias são uma novidade que decidimos introduzir nesta edição, e que decorre da nossa experiência nestes últimos seis anos de prémio. Na nossa perspetiva, para termos impacto precisamos de escala e, com esse objetivo, temos de contribuir para a diminuição da granularidade e fomentar o trabalho em parceria. O que, estou em crer, permitirá uma escala e uma ambição maior às entidades envolvidas.

De uma forma mais geral, achamos que as instituições do setor social, e consequentemente a sociedade, teriam muito a ganhar com o aumento da colaboração e das parcerias em torno de um objetivo comum. Hoje temos uma Comunidade Fidelidade que é verdadeiramente nacional e que chega a todos os cantos do país, mas se aumentarmos a colaboração e a entajuda podemos melhorar, e muito, o impacto positivo que temos na sociedade. Simultaneamente, quando privilegiamos parcerias estamos também a fortalecer esta noção de comunidade, que é tão importante para nós.

“Gosto de acreditar que é este acompanhamento humano, próximo e cuidado que nos distingue enquanto empresa.”

O prémio vai na sua 5.ª edição, tendo a Fidelidade investido já 3 milhões de euros em 83 projetos, ao longo de cinco edições. São montantes importantes numa iniciativa já com alguma continuidade. Qual a importância desta iniciativa no contexto político de sustentabilidade da Fidelidade?

Na Fidelidade, costumamos dizer que a sustentabilidade é o *core* do nosso negócio. O que fazemos através do Prémio Fidelidade Comunidade, mas também no nosso dia a dia, é proteger a nossa comunidade no presente e no futuro, contribuindo para o sucesso dos projetos das organizações sociais que integram a nossa comunidade. Queremos contribuir para que estas organizações sejam mais sustentáveis, potenciando a eficiência e a capacidade de resposta que têm nas suas áreas de intervenção. Este aspeto faz parte do nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável da sociedade, através do fortalecimento do setor social.

Como referiu, no âmbito do prémio existe um acompanhamento dos projetos premiados. Em que medida é que este acompanhamento é importante para o sucesso dos projetos?

A forma como fazemos o acompanhamento destes projetos é essencial para o sucesso e a eficácia destes. O nosso trabalho não se esgota na atribuição do Prémio Fidelidade Comunidade. Não se esgota com o cheque que passamos. Mais do que um apoio a projetos específicos, este prémio representa uma porta de entrada numa comunidade, a Comunidade Fidelidade. A partir desse momento, a Fidelidade continua a acompanhar de perto o desenvolvimento organizacional destas entidades, com quem mantemos um contacto muito próximo. E neste contexto, tiramos partido da nossa história, das nossas competências e da nossa capacidade de envolver as empresas do grupo, fornecedores, clientes e parceiros de negócio.

Perto do lançamento da 5.ª edição do prémio, que balanço pode ser feito e que evolução terá esta iniciativa?

Estamos naturalmente satisfeitos com a forma como o Prémio Fidelidade Comunidade se tem vindo a consolidar como um dos maiores de Portugal. A nossa Comunidade Fidelidade não pára de crescer e a diferença que fazemos é cada vez maior. Nesta 5.ª edição queremos chegar a mais pessoas e aumentar a capilaridade desta nossa comunidade. Diria que é essa a nossa grande ambição. ▶



Retrato

do setor social
em Portugal



Nathalie Ballan, fundadora da consultora Sair da Casca

O setor social é fundamental para o combate à pobreza e exclusão em Portugal, constituindo uma grande rede, quase “invisível”, que complementa e apoia o Estado na resposta aos problemas sociais. Segundo dados do INE, o número de organizações do setor social cresceu 36%, nos últimos dez anos, apesar da crise financeira e da pandemia, que puseram à prova a resiliência destas entidades. Em 2020, este setor reunia 74 mil organizações e empregava 244 mil pessoas, representando 5,9% do emprego e 3,2% do valor criado na economia. Uma rede de apoio fundamental para os 1,8 milhões de portugueses que estavam em risco de pobreza (até 591 euros/mês) em 2022, e que são agora mais 81 mil do que no ano anterior (dados do INE). De facto, se nos últimos anos a pobreza até apresentava uma curva descendente em Portugal – com a exceção dos períodos da crise financeira e da pandemia –, nos últimos dois anos ter-se-á verificado, segundo uma análise do professor Carlos Farinha Rodrigues para a Fundação Francisco Manuel dos Santos, um agravamento da vulnerabilidade financeira das famílias, em resultado da crise causada pela inflação e pela subida dos juros, entre outros fatores.

CRESCIMENTO EM DEMOCRACIA

Neste contexto, está a assumir um papel cada vez mais importante um setor social dinâmico que integra cooperativas, associações, misericórdias, fundações, outras instituições particulares de

Setor social “invisível” está em grande transformação

O setor social reúne quase 74 mil entidades que são um grande apoio para os 1,8 milhões de portugueses em risco de pobreza. A inovação, o empreendedorismo e o envolvimento das empresas estão a mudar as respostas sociais.

solidariedade social, e mesmo empresas, no que se convencionou chamar economia social. A grande “explosão” deste setor deu-se nos anos 70 do século passado, a seguir ao 25 de Abril, refere Nathalie Ballan, que há 30 anos fundou a Sair da Casca, a primeira consultora em Portugal nas áreas da sustentabilidade e da inovação social. Nessa altura, a sociedade civil organizou-se e mobilizou-se para dar as respostas sociais que nem o Estado nem o mercado conseguiam dar. “Nesses anos, este setor caracterizou-se por uma grande inovação, por ir buscar as melhores práticas internacionais, por exemplo, na área da deficiência, que tem um setor social muito inovador e competente”, afirma a consultora.

SETOR “INVISÍVEL”

Já nesta altura, e durante as décadas seguintes, o setor social caracterizava-se pela sua “invisibilidade”. “Só conhecia o setor quem beneficiava dos seus serviços”, afirma Nathalie Ballan. “E no entanto, se falar com as pessoas que conhece, encontra sempre alguém que tem o filho numa escola de música ou de futebol, os pais num lar, filhos com deficiência que recebem apoio especial. Ou seja, é um setor que toca muito a vida privada de cada um, mas ao qual a sociedade nunca deu muita visibilidade.” Uma situação que se alterou bastante com a pandemia, “quando a determinada altura existe a ameaça de fecho destas entidades e as pessoas se apercebem mais da sua importância”, refere a responsável. “Felizmente, nessa ocasião, as instituições deram prova de uma grande resiliência.”



Inês Sequeira, diretora, Casa do Impacto Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

“EM CADA ESQUINA”

Atualmente, o setor social em Portugal, para além de uma enorme diversidade, tem um grande grau de proximidade com a sociedade. “Em Portugal, este é um setor muito capilar, no qual em cada esquina temos uma escola, um centro de dia, um *atelier*”, refere Nathalie Ballan. O que, sendo positivo, por outro lado, “torna difícil ter ganhos de eficiência e obter reduções de custos”. Acresce que este é um setor que, pela sua natureza, tem uma grande dificuldade de acesso ao crédito. De acordo com dados da iniciativa governamental Portugal Inovação Social 2030, as necessidades anuais de financiamento deste setor situam-se entre os 390 e os 1.060 milhões de euros. “E se um conjunto importante de organizações, nomeadamente as IPSS, têm acordos com o Estado e são subsidiadas para prestar serviços e providenciar respostas sociais, muitas das entidades da economia social são muito dependentes da filantropia e de donativos das empresas”, constata a fundadora da consultora Sair da Casca.

UMA DÉCADA DE CRESCIMENTO

Contudo, “este é um setor que nos anos mais recentes tem tido uma evolução muito assinalável, que tem crescido, que tem maior im-

“Hoje em dia, pelo menos as maiores empresas do país têm uma reflexão feita, se não mesmo uma estratégia, para a sua relação com a economia social.”

Nathalie Ballan

“O setor social está em franca renovação para corresponder a desafios sociais que também estão em mudança.”

Inês Sequeira

pacto na economia e que demonstrou uma resiliência notável nas crises que atravessámos recentemente”, afirma Filipe Almeida, professor universitário e presidente da Estrutura de Missão Portugal Inovação Social. Também para este responsável, “este setor não tem crescido apenas do ponto de vista do número de organizações, mas sobretudo do ponto de vista da sua capilaridade e das redes colaborativas entre as organizações”. Segundo Filipe Almeida, “esta evolução tem sido fundamental, não só para dar respostas mais rápidas, mas também para desenvolver respostas inovadoras, procurando soluções novas para problemas complexos, o que tem tornado este setor um berço mais ativo da inovação”.

NOVA ABORDAGEM EMPRESARIAL

Para esta evolução tem contribuído, segundo Maria de Belém Roseira, ex-ministra da Saúde e ex-ministra para a Igualdade, “a atenção crescente que é dada ao setor social pelas empresas que assumem a sua responsabilidade social de forma estratégica, na linha de um capitalismo consciente, responsável e com propósito. Quer desenvolvendo proativamente programas e atividades de apoio a estas instituições, quer respondendo às solicitações e necessidades da comunidade à sua volta.” Empresas que, na última década, também passaram a ter uma abordagem mais estratégica e profissionalizada na forma como apoiam este setor. Para Nathalie Ballan, “hoje em dia, pelo menos as maiores empresas do país têm uma reflexão feita, se não mesmo uma estratégia, para a sua relação com a economia social, com áreas de atuação definidas, causas identificadas, critérios definidos, e um acompanhamento e monitorização da relação com este setor”. Esta nova abordagem, mais estratégica, em que a empresa traz as suas competências, envolve os seus colaboradores e a sua rede de fornecedores, é mais consequente e mais capaz de ter um impacto maior e mais duradouro nas respostas sociais.

ENVOLVIMENTO CRESCENTE DAS EMPRESAS

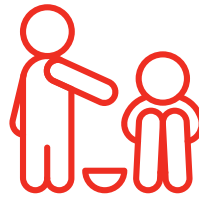
Desta forma, e segundo um estudo da Dun & Bradstreet, em 2021, 45 mil empresas entregaram 168,3 milhões de euros em donativos. Este maior envolvimento das empresas com o setor social é, na opinião de Nathalie Ballan, um fator positivo, também por outros motivos: “Trazem uma perspetiva diferente e que permite criar parcerias muito fortes. E, em algumas áreas, podem ajudar à capacitação do setor, embora o setor social tenha tido uma



1,8 MILHÕES
em risco de pobreza
(2022)



74 MIL
entidades no setor social
(2020)



244 MIL
pessoas trabalham
no setor social (2020)



36%
crescimento do número
de entidades no setor
social (2010-2020)

enorme evolução na profissionalização da gestão nos últimos dez anos.” Também para Filipe Almeida, “há imperativos de modernização importantes no setor da economia social. Para que realizem mais o seu potencial, é importante que adotem práticas e metas em linha com o que o setor privado valoriza.” Do lado dos privados, realça, “é importante que percebam que a sua legitimidade para operar depende também do seu envolvimento direto na resolução dos problemas sociais e na resposta aos desafios coletivos. E isso faz-se essencialmente através da colaboração ativa com o setor da economia social.”

O CAMINHO DA INOVAÇÃO SOCIAL

Esta é também a perspetiva de Inês Sequeira, diretora da Casa do Impacto, uma instituição que, na dependência da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, se tem dedicado à causa do empreendedorismo e da inovação social. Para esta responsável, “o setor

social está em franca renovação para corresponder a desafios sociais que também estão em mudança. Há uma nova geração que vê no empreendedorismo e na inovação social um caminho para dar respostas mais efetivas aos desafios sociais.”

Este é um novo ecossistema que está em crescimento e a renovar o setor social tradicional através de iniciativas como o Portugal Inovação 2030, que financia muitos dos projetos de economia social com uma componente de inovação. Para Inês Sequeira, “a inovação está sobretudo nas metodologias, os públicos são os mesmos do setor social tradicional. Existe também uma preocupação maior com a sustentabilidade económica e a autonomia financeira dos projetos.” Outra preocupação “é a avaliação e o impacto dos projetos, considerada crítica, não só para perceber se os projetos estão a ir na direção certa e a criar valor para a sociedade, como para obter financiamentos para novos projetos”.

Na opinião destes especialistas, o caminho do futuro para o setor social passa também pela profissionalização, pela criação de carreiras, pelo desenvolvimento de centros de competência, e pela criação de um estatuto de empresa social. Esta inovação, já prevista na legislação, ajudaria a canalizar para este setor mais investimento, com um retorno que permitiria, pelo menos, reinvestir nos projetos e mesmo remunerar os investidores.

NAScer POBRE É UMA FATALIDADE?

O projeto “Portugal, Balanço Social 2023”, coordenado pela professora Susana Peralta, da Universidade Nova SBE, traça um retrato socioeconómico das famílias portuguesas, com ênfase nas situações de privação e pobreza e no acesso às respostas sociais existentes em Portugal. Foi neste âmbito que, em outubro, foi publicada uma análise da evolução da mobilidade social em Portugal com o título “Nascer pobre é uma fatalidade?”. Para Susana Peralta, “essa nota mostra que temos grandes desafios do ponto de vista da mobilidade social, que persiste ao longo das gerações, embora se note alguma melhoria ligada aos melhores níveis de educação da população”. O que mostra “que o investimento consequente do Estado numa área específica como, por exemplo, a educação, traz os seus frutos em termos de melhoria da situação das gerações mais recentes”. ▶



Susana Peralta, da Universidade Nova SBE



Fidelidade **no terreno** **e voluntariado**





Utentes do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão da ASTA

Apoiar vidas nas aldeias de granito

A ASTA e a ALSS são duas associações do distrito da Guarda que fazem das pedras flores no trabalho que desenvolvem com pessoas com deficiência mental e com idosos. São duas das 83 organizações distinguidas com o Prémio Fidelidade Comunidade que são acompanhadas em permanência pela seguradora.

A 18 quilómetros antes da fronteira de Vilar Formoso, saindo da A25 para a N324, segue-se durante quatro quilómetros nesta estrada, em direção a Sabugal, pelo meio de um alto planalto com pouca presença humana, pontuado pelos pedregulhos de granito e pela escassez de árvores. É aqui que vamos encontrar um oásis de inclusão social. Foi nesta paisagem bonita, mas difícil, marcada pelo isolamento, que nasceu a Associação Sócio Terapêutica de Almeida (ASTA), em 1998, na aldeia de Cabreira do Côa, por iniciativa de Maria José Fonseca, filha da terra, e atual presidente da associação.

Nestes 26 anos, esta associação desenvolveu uma obra notável a dar apoio e a integrar pessoas com deficiência mental ou multideficiência, num contexto rural, comunitário e familiar, em que as pes-

soas com necessidades especiais podem fazer um caminho de vida. A ASTA tem uma Residência de Autonomização e Inclusão, um Lar Residencial e um Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão, através dos quais dá apoio a 46 beneficiários, a que chamam companheiros. “É assim que chamamos às pessoas com deficiência que vivem e trabalham connosco. São companheiros porque com eles caminhamos, com eles aprendemos, eles ensinam-nos, como nós os ensinamos”, como nos explica Maria José Fonseca.

Com esta filosofia, a ASTA procura potenciar a inclusão destas pessoas na comunidade. “Os nossos companheiros, e alguns já estão connosco há muitos anos, já aprenderam muitas coisas que a maioria das pessoas não aprende: a fiar, a tratar da lã de ovelha, a fazer papel reciclado, a trabalhar na carpintaria, a trabalhar o barro. E aprenderam os caminhos entre a aldeia da Cabreira e a ASTA, bem

como os caminhos das aldeias circundantes, e aprenderam a conhecer as aldeias históricas aqui à volta.” Em consequência, “temos aqui um manancial de conhecimento e competências que procuramos pôr ao serviço da comunidade, porque a nossa perspetiva é que a inclusão destas pessoas deve ser através da ação que cada um pode desenvolver como cidadão na comunidade”.

“CONTIGO, HÁ DESCOBERTA”

Foi nesta lógica que a ASTA desenvolveu o projeto “Contigo, Há descoberta”, um projeto inclusivo de turismo da natureza e social, “que proporciona a descoberta desta região e a partilha de conhecimentos, com pessoas que vêm de todo o país para aprender ao lado dos nossos companheiros”, refere a responsável. Este foi um dos projetos distinguidos em 2021 pelo Prémio Fidelidade Comunidade, o que permitiu à associação, nomeadamente, adquirir uma carrinha para estas deslocações, capacitar os companheiros da ASTA para serem guias e permitir à equipa da ASTA desenvolver ações de *marketing* desta oferta. Um projeto que está a conhecer um interesse crescente em Portugal e além-fronteiras.

UM PRÉMIO CALOROSO EM CABREIRA DO CÔA

Mas o que a ASTA também ganhou com este prémio foi a entrada para a Comunidade Fidelidade, o que traz consigo, por parte da equipa de responsabilidade social da seguradora, um acompanhamento e um apoio continuados aos projetos distinguidos. “O acompanhamento da Fidelidade foi fundamental desde o primeiro momento e fez com que concretizássemos este projeto de forma mais assertiva, planificada e profissional”, diz Maria José Fonseca. “Este foi um prémio caloroso na medida em que foi acompanhado pela equipa da Fidelidade, que vivenciou os nossos espaços, aprendeu os nossos passos, e percebeu a existência de outras necessidades que a nossa comunidade tem e nas quais a Fidelidade poderia ajudar.”

Foi este envolvimento que levou a Fidelidade a, por exemplo, reconhecer necessidades adicionais e a oferecer diversos equipamentos e materiais à ASTA, a incentivar uma maior capacitação da



Maria José Fonseca, presidente da ASTA



Susana Santos, diretora técnica da ALSS, com os utentes do lar de idosos

organização, bem como a promover o projeto de turismo, abrindo um conjunto de portas importantes para o seu sucesso. Segundo Felisbela Paulino, que acompanha as organizações vencedoras do Prémio Fidelidade Comunidade, este “é um projeto diferenciador e inovador, eu diria, maravilhoso, que necessitava de um maior reconhecimento. E o prémio trouxe-lhes isso, e funciona quase como uma espécie de certificação, junto de muitas entidades, o que abriu portas e criou oportunidades.”

FIDELIDADE É PARCEIRO ATIVO

A ligação que a Fidelidade estabeleceu com as organizações que apoia é concretizada no terreno, de norte a sul do país. “Quando lançámos o Prémio Fidelidade Comunidade, em 2017, estávamos longe de imaginar a relação profunda que viríamos a estabelecer com as organizações sociais da nossa comunidade”, destaca a responsável da Fidelidade. “Desde o primeiro momento que quisemos acompanhar de forma muito próxima o trabalho que as organizações sociais desenvolvem no terreno, para conhecermos as suas necessidades, o impacto que elas traziam à sua comunidade e em que é que a Fidelidade poderia trazer valor às suas atividades”, refere Felisbela Paulino. Esta posição vai muito para além da simples monitorização do projeto vencedor. “Percebemos logo que esta nossa presença e esta nossa atuação traziam impacto não só para a organização social como para a própria Fidelidade. E percebemos que não poderíamos ser apenas um investidor social, mas sim um parceiro ativo no desenvolvimento destas entidades.”

RESPOSTA SOCIAL EM LAJEOSA DO MONDEGO

Foi também com esta atitude de envolvimento que a Fidelidade abordou um dos vencedores do Prémio Fidelidade Comunidade em 2018, a Associação Lageosense de Solidariedade Social (ALSS). Localizada em Lajeosa do Mondego, a sete quilómetros de Celorico da Beira, e com mais de 30 anos de existência, esta



Felisbela Paulino, responsabilidade social da Fidelidade

pequena associação tornou-se parte essencial da resposta social desta comunidade de pouco mais de 600 pessoas, sendo responsável por uma estrutura residencial para idosos, um serviço de apoio domiciliário e um centro de dia. O projeto apresentado permitiu à associação, com o apoio da Fidelidade, investir em equipamentos como camas articuladas, colchões, cadeiras de rodas e elevadores, que possibilitaram melhorar o transporte, o conforto e a autonomia dos idosos.

“O verdadeiro impacto que o prémio teve na nossa instituição foi a relação que se criou com a equipa da Fidelidade. Para além da

aquisição dos equipamentos, fomos construindo uma relação de parceria, uma relação de amizade e de entajuda com a Fidelidade”, salienta Susana Santos, diretora técnica da associação.

Esta relação foi de extrema importância durante a pandemia. Sendo uma pequena instituição do interior do país, a Lageosense passou por enormes dificuldades para continuar a providenciar apoio aos idosos, o que conseguiu fazer, com um balanço de zero casos de covid. “A Fidelidade enviou-nos equipamentos de proteção, desinfetantes, tudo o que estávamos a precisar naquela altura, e que aqui não havia. Temos muito a agradecer à equipa Fidelidade e temos muita sorte em pertencer a esta família”, sublinha a diretora técnica da ALSS.

UMA PARCERIA PERMANENTE

Também Felisbela Paulino salienta a importância do acompanhamento pela equipa da Fidelidade para instituições como a Lageosense: “Quando visitamos as instituições apercebemo-nos de situações em que, apesar de não estarem abrangidas pelos projetos apresentados, nós podemos ajudar, porque temos materiais disponíveis, porque conhecemos oportunidades que podemos utilizar em benefício da instituição.” Foi assim que a ALSS pôde reequipar o seu pequeno refeitório, recebeu materiais para a ocupação dos tempos livres dos idosos e passou a ter um conjunto de ofertas que animam o seu Natal. Para Susana Santos, os benefícios são óbvios: “Construímos uma relação em que não só sabemos que podemos recorrer à Fidelidade para nos apoiar em situações e necessidades pontuais, como temos do outro lado uma equipa que nos faz sugestões, que apresenta oportunidades. Estão sempre lá para nós”, conclui. ▶

83 projetos apoiados e acompanhados

Desde 2017, através do Prémio Fidelidade Comunidade, a seguradora já investiu 3 milhões de euros em 83 projetos de organizações sociais sem fins lucrativos nas áreas do envelhecimento e inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade e da prevenção em saúde. A Fidelidade construiu já uma comunidade verdadeiramente nacional com entidades que são apoiadas e acompanhadas, em permanência, em praticamente todos os distritos de Portugal. “A forma como fazemos o acompanhamento destes projetos é essencial para o sucesso e eficácia dos mesmos. O nosso trabalho não se esgota na atribuição do Prémio Fidelidade Comunidade. Não se esgota com o cheque que passamos. Mais do que um apoio a projetos específicos, este prémio representa uma porta de entrada numa comunidade, a Comunidade Fide-



Susana Santos, diretora técnica da ALSS, com as técnicas da Fidelidade Felisbela Paulino e Joana Jorge

lidade”, referiu, em entrevista recente, Jorge Magalhães Correia, presidente da Fidelidade. A partir desse momento, refere o responsável máximo da seguradora, “a Fidelidade continua a acompanhar de perto o desenvolvimento organizacional destas entidades, com quem mantemos um contacto muito próximo. E neste contexto, tiramos partido da nossa história, das nossas competências e da nossa capacidade de envolver as empresas do grupo, fornecedores, clientes e parceiros de negócio.” ▶

Voluntariado está em crescimento

Em Portugal, o voluntariado é mais informal e de proximidade. Escolas e empresas estão a contribuir para o seu crescimento. Trabalho voluntário é fundamental para o setor social.

Se os estudos existentes indicam que em Portugal o voluntariado tem menos expressão do que na maioria dos países europeus, esta é uma realidade que pode estar subavaliada devido ao carácter mais informal e mais de proximidade do voluntariado no nosso país. Por outro lado, o envolvimento crescente das escolas e das empresas está a fazer crescer esta atividade em Portugal.

VOLUNTARIADO E CULTURA

Segundo o Inquérito ao Trabalho Voluntário, realizado em Portugal pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em média, 19,3% da população europeia afirma dedicar-se ao voluntariado, sendo esta percentagem em Portugal de 7,8%. Também um estudo feito pela Netsonda e a consultora Sair da Casca indica que cerca de 12% da população portuguesa faz voluntariado de forma regular. Para Nathalie Ballan, fundadora da Sair da Casca, a primeira consultora em Portugal nas áreas da sustentabilidade e da inovação social, “esta diferença surge também por questões fundamentalmente culturais”. Ou seja, “os portugueses não praticam tanto o voluntariado estruturado e organizado como outros povos europeus, mas são cuidadores. Isto é, são voluntários numa lógica mais informal e de proximidade, mas dedicam muito do seu tempo aos outros.” O que pode originar uma subavaliação desta realidade no contexto português.

ESCOLAS INCENTIVAM AÇÃO

No entanto, o facto de, segundo o estudo do INE, o segmento da população portuguesa que faz mais voluntariado serem os jovens entre os 15 e os 24 anos (11,3%) é um sinal positivo sobre o futuro do voluntariado. O aumento generalizado das qualificações também pode ser um fator de crescimento do voluntariado se tivermos em conta que são as pessoas com um nível de escolaridade superior que se dedicam mais a esta atividade (15,1%). “Hoje, nas universidades, e nas empresas, há muito mais iniciativas que encorajam o voluntariado. E nas gerações mais jovens há uma maior valorização do voluntariado, seja por uma maior abertura a outras realidades, seja porque isso é valorizado num currículo pelas melhores empresas, entre outros motivos”, refere Nathalie Ballan.

EMPRESAS COM MAIS PROGRAMAS

Para esta responsável, também o maior envolvimento das empresas é motivo para esperar que o voluntariado cresça: “Nos últimos

20 anos, e em especial desde a crise de 2011, que os programas de voluntariado corporativo se multiplicam em Portugal.” Segundo Nathalie Ballan, “primeiro eram só as grandes empresas, nomeadamente multinacionais. Mas agora já temos PME e empresas familiares a conduzir atividades estruturadas de solidariedade e responsabilidade social, não só pelo seu impacto na sociedade, mas porque são benéficas para a motivação e coesão internas.” Na sua perspetiva, “é também expectável que as iniciativas de voluntariado das empresas contribuam para alavancar a prática individual, considerando a nossa taxa de participação inferior à média europeia. O voluntariado corporativo é um contributo para desenvolver uma cultura de cidadania.” ▶



695 MIL
pessoas fazem trabalho voluntário



90%
são voluntários em entidades do setor social



214,5 MILHÕES
de horas de trabalho voluntário em entidades do setor social



0,4% a 0,8%
do PIB



Rede de voluntários da Fidelidade em expansão

Seguradora incentiva voluntariado na Comunidade Fidelidade. 400 colaboradores estiveram envolvidos em ações durante 2023 e o objetivo é ter 600. Projetos de apoio a idosos em Mértola e a pessoas com deficiência nas Caldas da Rainha são bons exemplos.

Pelo menos uma vez por semana, algumas dezenas de idosos que vivem em grande isolamento nos lugares à volta da vila alentejana de Mértola recebem uma chamada telefónica de um voluntário da seguradora Fidelidade. Mas este não é um telefonema sobre seguros. É uma chamada para saber como vão as coisas, contar histórias, partilhar problemas. Um contacto que faz parte de um projeto de voluntariado criado entre a Fidelidade e a Santa Casa da Misericórdia de Mértola, e que já criou laços de amizade entre quem liga e quem atende.

Uma rede de apoio fundamental para os 1,8 milhões de portugueses que estavam em risco de pobreza (até 591 euros/mês) em 2022, e que são agora mais 81 mil do que no ano anterior (dados do INE).

“Este projeto tem sido muito bom para os nossos utentes. Temos um concelho muito grande, com uma população idosa muito dispersa, em lugares onde às vezes só vivem uma ou duas pessoas. E este contacto significa ter sempre ali regularmente uma voz amiga, alguém com quem conversar, com quem, muitas vezes, desabafar”, afirma Natália Carreira, animadora na Ludoteca Itinerante da Santa Casa de Mértola.

Este projeto inclui também reuniões e encontros regulares entre os voluntários, a equipa da Santa Casa e os idosos. “Este programa não é só bom para os utentes, mas também para a instituição. É mais alguém que está em contacto com o utente e que nos pode sempre alertar para alguma coisa que esteja menos bem”, refere Emília Colaço, responsável pela formação e projetos na instituição.

REFORÇO DA COMUNIDADE

Este é um dos muitos projetos de voluntariado que a Fidelidade tem vindo a desenvolver, com mais intensidade nos últimos anos, com as entidades do setor social. De acordo com a Política de Voluntariado da Fidelidade, o voluntariado é a forma mais próxima de envolver os colaboradores com o compromisso da Fidelidade perante a sociedade. Tem um efeito transformador, porque complementa toda a atuação de responsabilidade social da Fidelidade e reforça a promoção da sustentabilidade das organizações. Tem um efeito de *engagement* dos colaboradores e contribui para aumentar a capacidade de trabalho colaborativo, promovendo o sentido de responsabilidade e compromisso e proporcionando o desenvolvimento de capacidades de liderança informal.

Tem um efeito transformador, na medida em que a Fidelidade contribui para a resolução de problemas sociais e ambientais complexos, promovendo uma sociedade civil resiliente e próspera, capaz de encontrar soluções inovadoras para desafios e questões comuns. “O voluntariado dos colaboradores da Fidelidade é algo que tem sido muito incentivado na empresa nos últimos anos e que tem ajudado a reforçar os laços entre a empresa e as entidades do setor social que fazem parte da Comunidade Fidelidade, ou seja, que têm sido distinguidas pela Fidelidade com apoios no âmbito do Prémio Fidelidade Comunidade, mas que continuamos a acompanhar sempre”, destaca Isabel Cunha de Eça, uma das responsáveis pelas atividades de voluntariado na Fidelidade. O caso de Mértola “é um projeto que nasceu na pandemia, que vemos como um projeto de longo curso, que já leva quatro anos e que tem corrido muito bem, pelo impacto positivo na vida dos idosos, pela parceria que se formou com a instituição (que apoiamos de diversas formas) e pelo empenho continuado dos voluntários”, conclui a responsável.

UM JARDIM NOVO

A parceria com a Fidelidade também tem sido particularmente importante para o Fórum Socio-Ocupacional do Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha. A instituição foi primeiro distinguida com um Prémio Fidelidade Comunidade, que lhe permitiu

criar uma cozinha pedagógica para desenvolver novas competências em pessoas com doença mental, apoiando-as no treino da sua autonomia em atividades diárias. “Foi o início de uma verdadeira parceria que tem sido muito gratificante para nós”, refere Sandra Oliveira, diretora técnica do Fórum. “Esse apoio, que se tem manifestado de diversas formas, fez com que a Fidelidade nos propusesse levar a cabo ações de voluntariado, sendo a mais recente a recuperação de um jardim contíguo às nossas instalações.”

REDE DE VOLUNTÁRIOS DA FIDELIDADE EM EXPANSÃO

Para Sandra Oliveira, a forma como a ação foi conduzida merece elogios por parte da responsável: “Foi mais do que um trabalho de recuperação de um jardim e respetivos equipamentos, foi um convívio que envolveu os utentes do centro. As pessoas da Fidelidade fizeram o seu trabalho, mas ficaram a conhecer as pessoas para quem estão a trabalhar. E isso dá um contributo emocional e uma gratificação para os voluntários que é muito importante.”

CRESCIMENTO PESSOAL

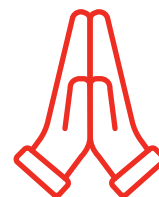
Esta vertente de crescimento pessoal do voluntário também é sublinhada por Isabel Cunha de Eça, como sendo da maior importância para os próprios e para a empresa. “A Fidelidade incentiva muito o voluntariado por um conjunto de razões que inclui, por exemplo, o treino das lideranças informais, o próprio desenvolvimento pessoal do colaborador, e o fomentar do espírito de equipa dentro da empresa, o que se tornou particularmente importante desde que se instituiu a possibilidade de trabalhar a partir de casa”, refere a responsável. Mas uma razão fundamental para incentivar o voluntariado tem que ver com a própria natureza do negócio da seguradora.

VOLUNTARIADO ESTRATÉGICO

O voluntariado está alinhado com a atividade central da seguradora. “Os seguros existem para resolver problemas das pessoas. Quando as pessoas recorrem ao seguro é porque qualquer coisa de desagradável lhes aconteceu”, como sublinha Isabel Cunha de Eça.



400
voluntários
em 2023



80
voluntários
nas Jornadas Mundiais
da Juventude



Neste contexto, “uma das grandes vantagens do voluntariado é permitir que os colaboradores da companhia se confrontem, observem e tenham a vivência de outras realidades, de pessoas que vivem com mais dificuldades, que têm incapacidades diversas, que têm deficiências, sejam elas quais forem”. Esta vivência do voluntariado “permite aos colaboradores ter um outro olhar, uma empatia e uma capacidade acrescida para lidar com situações que são o dia a dia de qualquer seguradora”, garante a responsável. Neste sentido, refere, “na Fidelidade, o voluntariado está completamente alinhado com o negócio e com a estratégia da empresa, porque enriquece os colaboradores do ponto de vista humano, mas também tem reflexos positivos na sua atuação profissional e na forma como acompanham o negócio”.

DOIS TIPOS DE AÇÕES

Estas ações, normalmente apontadas a entidades apoiadas na Comunidade Fidelidade, são, na sua grande maioria, de dois tipos: “Temos os convites diretos, que são propostas feitas pela empresa aos colaboradores. E temos as ações de voluntariado em equipa, que são pedidos de equipas dentro da empresa para incluir atividades de voluntariado em atividades de equipa”, refere Isabel Cunha de Eça.



20%
objetivo para
colaboradores em ações
de voluntariado



9.710
HORAS
de voluntariado
em 2023

REPETEM PORQUE GOSTAM

E se o voluntariado é bom para as instituições sociais e para os seus utentes, bem como para a própria Fidelidade, também os colaboradores-voluntários avaliam de forma positiva este tipo de experiência. “Em cada ação de voluntariado distribuímos fichas de avaliação que nos dão avaliações muito positivas”, refere Isabel Cunha de Eça. Mas um indicador verdadeiramente infalível, afirma, é a “repetição” da experiência. “As pessoas voltam sempre. Temos muito poucas que não voltam a ser voluntárias. E nós não obrigamos ninguém a ser voluntário. As pessoas experimentam o voluntariado e depois continuam disponíveis para mais ações, o que é muito positivo.”

Parte da razão para este comportamento tem que ver com a forma como as ações são estruturadas, como explica a responsável: “As nossas ações são organizadas para que no fim se veja e se sinta a diferença. Seja em quartos pintados, em pessoas alimentadas, em jardins recuperados, em paletes de alimentos despachadas. Esse sentimento de realização, de coisas concretas finalizadas, é um grande incentivo para que o voluntário volte.”

“Em cada ação (...) distribuímos fichas de avaliação que nos dão avaliações muito positivas.”

Isabel Cunha de Eça

JORNADAS FORAM PONTO ALTO

A capacidade de organização e a forma estratégica como a atividade de voluntariado é encarada na Fidelidade têm contribuído para o seu crescimento de forma sustentada. Neste contexto, 2023 ficou marcado pelo contributo das equipas da seguradora para as Jornadas Mundiais da Juventude. “Cerca de 80 colaboradores estiveram como voluntários nas jornadas. Divididos entre voluntários paroquiais, que colaboraram nas paróquias, e voluntários centrais, que centraram a sua ação em Lisboa nos dias da jornada. Creio que a Fidelidade foi mesmo a empresa com mais voluntários centrais nas jornadas”, adianta Isabel Cunha de Eça. “A dinâmica criada dentro da empresa foi fantástica, atingimos uma dimensão de voluntariado verdadeiramente extraordinária nessa ocasião”, relembra.

Em perspetiva, a importância que a empresa atribui ao voluntariado reflete-se objetivamente no crescimento sustentado desta atividade. “Quando, há alguns anos, arrancámos com os programas de voluntariado no formato atual, tínhamos perto de 100 colaboradores envolvidos. Atualmente, são cerca de 400 voluntários dentro da empresa e temos como objetivo envolver 600 pessoas, ou seja, cerca de 20% do efetivo da Fidelidade”, salienta Isabel Cunha de Eça. E entre muitos outros beneficiários, os idosos apoiados pela Santa Casa de Mértola e os utentes do Centro Rainha Dona Leonor nas Caldas da Rainha apreciam e agradecem aos voluntários da Fidelidade. ▶

balanço do Prémio Fidelidade Comunidade

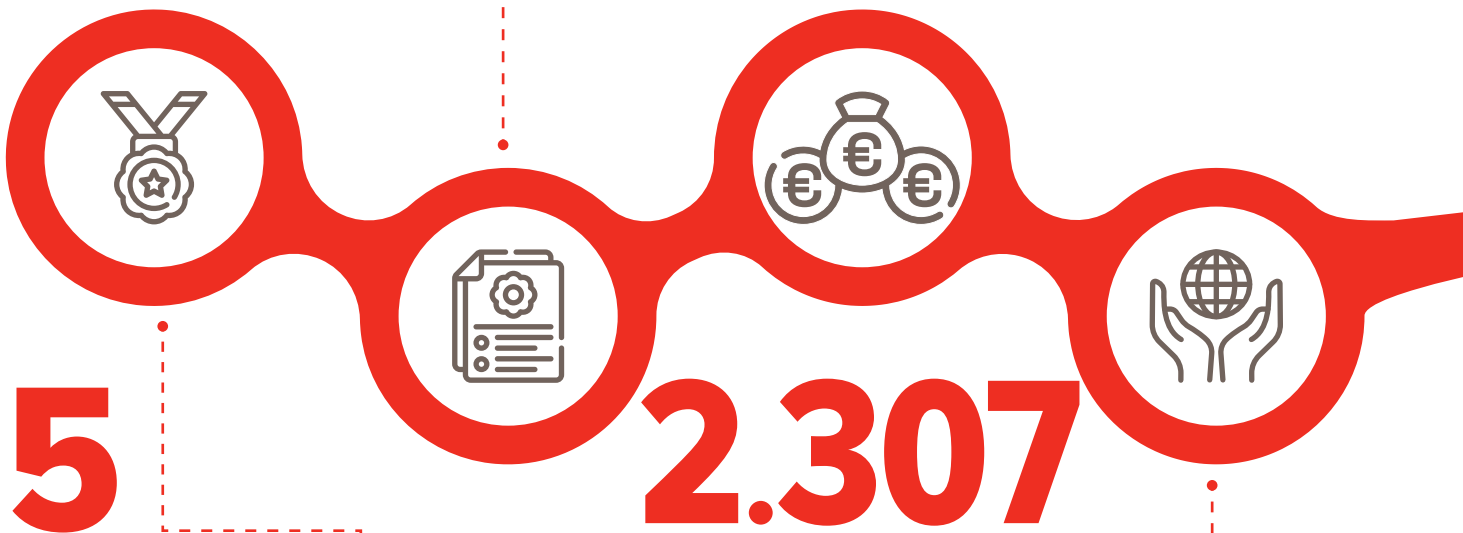
Uma comunidade em crescimento

83

É o número de projetos apoiados nas cinco edições do Prémio Fidelidade Comunidade. O prémio tem atualmente periodicidade bienal e foi criado em 2017 com um propósito humanista e de consciência social que já existia na Fidelidade, para materializar o compromisso da empresa com o desenvolvimento de uma sociedade mais sustentável.

3

Foi o montante, em milhões de euros, investido pela Fidelidade nos 83 projetos já premiados, para fortalecer as respostas sociais nas áreas do envelhecimento, prevenção em saúde e inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade. Estas áreas são muito importantes e dão resposta a alguns dos maiores problemas sociais em Portugal.



5

Esta foi a 5.ª edição do Prémio Fidelidade Comunidade, depois de 2017, 2018, 2019 e 2021 (com duas fases). Em 2023, a Fidelidade recebeu 304 candidaturas e os nove vencedores dividiram, entre si, 750 mil euros em apoios, e passam a fazer parte da Comunidade Fidelidade.

2.307

Em cinco edições a Fidelidade recebeu 2.307 candidaturas. Os 3 milhões de euros serviram para apoiar iniciativas estruturantes que fortalecem a sustentabilidade destas entidades privadas sem fins lucrativos. Essa sustentabilidade também é beneficiada com a pertença à Comunidade Fidelidade, com acesso a acompanhamento, formação, doações, iniciativas de voluntariado, entre outros benefícios. Parte do montante investido em cinco edições foi ainda utilizado para realizar projetos específicos das organizações.

Na 5.ª edição do Prémio Fidelidade Comunidade foram recebidas 304 candidaturas. Os nove vencedores não só partilham entre si os 750 mil euros do prémio, como se juntam às entidades que já fazem parte da grande família que é a Comunidade Fidelidade. Uma comunidade de organizações sem fins lucrativos com a missão de apoiar quem mais precisa. E que beneficia do acompanhamento humano e próximo que distingue a Fidelidade, que continua sempre a apoiar estas organizações, com doações, com ações de voluntariado, com formação e aconselhamento, entre outros benefícios.

9.710

São o número de horas que, em 2023, cerca de 400 pessoas da Fidelidade dedicaram a atividades de voluntariado junto de entidades sociais sem fins lucrativos que, na sua quase totalidade, pertencem à Comunidade Fidelidade. O objetivo é envolver 600 pessoas da Fidelidade nos próximos anos.

52

São já cinquenta e duas ações promovidas pela Fidelidade junto destas organizações sociais, com vista à formação e capacitação dos seus recursos, para se tornarem mais sustentáveis. Trata-se de *webinars*, sessões de esclarecimento e nove *training labs* presenciais e *online*.



18

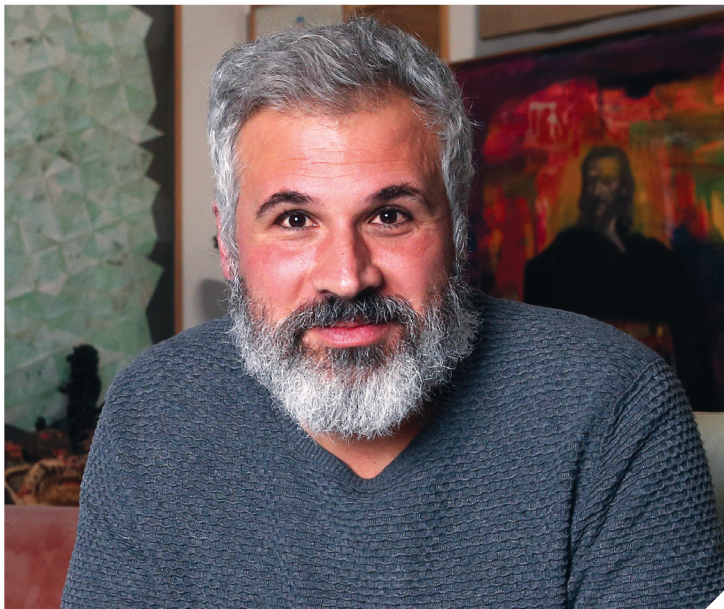
Há projetos apoiados pela Fidelidade em todos os 18 distritos de Portugal continental e ilhas, de Viana do Castelo a Faro, de Portalegre a Aveiro. Mas também há projetos apoiados na Madeira e nos Açores. As entidades apoiadas vão do Centro Social do Soutelo, em Gondomar, à Associação Kokua, em Tavira; passando pela Casa São José, na Madeira, e pela Associação Sócio Terapêutica de Almeida, na Guarda, para dar alguns exemplos.

9.608

É o número de bens doados pela Fidelidade, em 2023, às organizações sociais que fazem parte da Comunidade Fidelidade. São normalmente bens salvados dos seguros ou equipamentos descontinuados pela Fidelidade e por organizações parceiras. Estes 9.608 bens foram valorizados em 215 mil euros, mas para as instituições que os recebem e utilizam, o valor é muito maior.

SANDRO RESENDE

Artista plástico e empreendedor social



“Uma oportunidade de transformação”

Integrar o júri do Prémio Fidelidade Comunidade, pela primeira vez, foi um privilégio e uma experiência enriquecedora pelas aprendizagens que proporcionou. Ao longo desta 5.ª edição, pude testemunhar o impacto que as pessoas da Fidelidade têm nesta comunidade, que está num crescimento constante, assim como a construção de um ecossistema que facilita não só a colaboração entre a Fidelidade e os parceiros sociais, mas também a criação de laços entre as próprias organizações.

É, por estas razões, inevitável destacar o trabalho de campo realizado por toda esta equipa, que contribui para mitigar problemas de isolamento institucional e promover projetos colaborativos entre os parceiros sociais. Os laços que se estabelecem, entre a Fidelidade e as organizações, mas também entre elas, são o fator verdadeiramente distintivo deste prémio.

Quando olho para este setor no seu todo, acredito na constante capacitação e inovação num trabalho sólido nas suas bases e com uma grande responsabilidade nos seus próprios recursos humanos, penso também, que deveríamos retirar o peso semântico da palavra social, acredito que as instituições que desejam trabalhar com um propósito humano, devem olhar para um todo, e não só e apenas para a urgência imediata, sabendo que é extrema-

mente importante trabalhar essas urgências e as suas necessidades mais prementes.

Entendo que estamos num processo de transformação profunda, com um número crescente de instituições a procurarem inovar, reforçar as suas bases estruturais “empresariais” e alcançarem uma maior sustentabilidade social. Seja na vertente económica, financeira e, acima de tudo, humana. Este é um aspeto que nos deve levar a olhar para a transformação que está em curso no setor com otimismo e esperança. Tendo em conta estes aspetos, espero que o Prémio Fidelidade Comunidade possa desencadear uma verdadeira transformação nesta comunidade, funcionando como um rastilho para cumprirmos este propósito de reforço do setor social. Mais do que uma solução temporária, pretendemos capacitar as organizações e reforçar o impacto que já têm na sociedade.

O crescimento desta comunidade representa, mais do que tudo o resto, uma oportunidade. Uma oportunidade para a transformação das organizações, bem como para a própria Fidelidade. Seja na resposta que dá, bem como no propósito que sempre teve em proteger as pessoas.

Conhecidos os projetos vencedores desta 5.ª edição, estou confiante de que permitirá superar desafios e reforçar o impacto que queremos ter na sociedade. ▶

ENCONTRO FIDELIDADE

 **COMUNIDADE**

Aprender e Celebrar juntos